

“A IGREJA CATÓLICA TE CONDENA. A IGREJA EVANGÉLICA TE CONDENA”: O discurso religioso judaico-cristão afetando a construção da identidade lésbica

“THE CATHOLIC CHURCH CONDEMNS YOU. THE EVANGELICAL CHURCH CONDEMNS YOU”: Jewish-christian religious speech affecting the construction of the lesbian identity

Maria Cristina Nascimento de Souza¹
<https://orcid.org/0000-0003-1968-6746>

Marcos Lopes de Souza²
<https://orcid.org/0000-0002-7174-1346>

RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado que se orienta pela seguinte questão norteadora: quais os efeitos do discurso religioso judaico-cristão na construção da identidade lésbica? A pesquisa amparou-se na vertente pós-estruturalista, preocupando-se em questionar, borrar e problematizar as verdades tidas como absolutas e universalistas. Como caminho metodológico foi realizado um grupo focal constituído de três encontros com oito lésbicas contactadas por meio das redes sociais e de ativistas de uma organização LGBT de Jequié – BA. Dessas lésbicas, seis nasceram em Jequié, uma em Ubatã e uma em Itagi, cidades do interior baiano. Quanto às questões étnicas e raciais, duas se declararam brancas, três pretas e três pardas. A idade delas varia entre 21 a 30 anos. Sobre a religião, três se declararam católicas, uma espírita, uma evangélica, uma agnóstica e duas não têm religião. Dentre os apontamentos, destacamos neste texto o quanto o discurso religioso judaico-cristão, entendido como um marcador étnico da branquitude, afeta a construção identitária das lésbicas partícipes da pesquisa, inclusive algumas delas evidenciam a lesbofobia intrafamiliar advinda desse discurso e se autoculpabilizam por conta de sua sexualidade, embora questionem alguns dos discursos dessas religiões sobre a lesbianidade. Outras são menos afetadas e resistem ao discurso de ódio proferido por essas religiões judaico-cristãs.

Palavras-chave: Lesbianidade. Marcador Étnico. Religiosidade.

ABSTRACT

¹ Bacharela em Psicologia (FTC-BA). Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidades, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Campus de Jequié-BA. Email: crismamentopsi22@gmail.com.

² Doutor em Educação (UFSCAR). Professor Titular do Departamento de Ciências Biológicas, (UESB), campus de Jequié-BA. Docente do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da UESB. Email: markuslopessouza@gmail.com.

This paper is a cutout of a master's research is guided by the following guiding question: what are the effects of Judeo-Christian religious discourse in the construction of lesbian identity? The research was based on the poststructuralist aspect, focusing on questioning, blurring and problematizing the truths considered as absolute and universalist. As a methodological approach was carried out a focus group consisting of three meetings with eight lesbians contacted through social networks and activists of a LGBT organization from Jequié - BA. Out of these lesbians, six were born in Jequié, one in Ubatã and one in Itagi, cities in the interior of Bahia. Regarding ethnic and racial issues, two declared themselves white, three black and three brown. Their age ranges from 21 to 30 years old. About religion, three declared themselves Catholic, one spiritualist, one evangelical, one agnostic and two have no religion. Among the notes, we highlight in this text how the Judeo-Christian religious discourse, understood as an ethnic marker of whiteness, affects the identity construction of lesbian research participants, including some of them show the intrafamilial lesbophobia resulting from this discourse and self-blame because of their sexuality, although they question some of the discourses of these religions about lesbianity. Others are less affected and resist the hate speech of these Judeo-Christian religions.

Keywords: Lesbianity. Ethnic Marker. Religiosity.

1. INTRODUÇÃO

Às vezes eu penso: se amar é pecado será que Deus vai me abominar por amar uma pessoa do mesmo sexo que o meu? Eu não pedi pra ser assim e todas às vezes eu pergunto a Deus por que Ele me fez desse jeito e por que eu nasci assim? Eu não pedi pra ser lésbica e não escolhi de uma hora pra outra (*DANIELA, 21 anos, lésbica, negra, possui o Ensino Médio, professora de capoeira*).

Não (re)conhecer a trajetória política das lésbicas é um ato de violência com a própria historicidade da mulher, visto que, foram as lesbianidades que questionaram a heterossexualidade enquanto destino para todas as mulheres, tencionaram a compreensão do que seja a mulher. Para Tania Navarro-Swain, as lésbicas contestaram a “sujeição das mulheres à violência e à utilização de seus corpos, em nome da ordem, do ‘natural’, do divino, talvez” (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 81).

Neste trabalho busquei viajar rumo a um mundo de fronteiras silenciadas e (in)visibilizadas de muitas mulheres. Neste percurso ocupei o lugar de viajante e para tanto, esse é um passeio que carece de muitas(os) viajoras(es): teóricas(os), filósofas(os), sociólogas(os), psicólogas(os) e professoras(es) que defendem as relações de poder menos assimétrica e o direito à liberdade na vivência de suas sexualidades e de suas subjetividades, garantia constitucional.

Tendo como parâmetro o pensamento de Adrienne Rich (2010) de um *continuum lésbico*, mesmo enquanto mulher heterossexual, tenho o propósito em dialogar com as mulheres lésbicas sobre suas vivências, pois somos atravessadas pelos discursos heteronormativos que reforçam a heterossexualidade compulsória e legitima várias formas de violência, como o estupro.

A respeito dos diferentes discursos sobre sexo, gênero e sexualidades notamos que o pensamento heteronormativo tem a intenção de dominar para controlar as diferenças. Conforme Richard Miskolci, “a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto” (MISKOLCI, 2009, p. 156).

Para Monique Wittig, numa sociedade heterossexual é necessária a existência da(o) outra/outro, ou seja, daquelas(es) que não são heterossexuais a fim de que o modelo normal seja reiterado constantemente e visto como o desejável. Nas palavras dela: “En efecto, la sociedad heterosexual está fundada sobre la necesidad del otro/diferente en todos los niveles. No puede funcionar sin este concepto ni económica, ni simbólica, ni lingüística, ni políticamente” (WITTIG, 2010, p. 53).

Deste modo, a compreensão da mulher na sociedade heteronormativa se baseia numa cultura ocidental branca de classe média e heterossexual. Neste cenário, a mulher assumiria uma identidade fixa e universal e, na maioria das vezes, subjugada aos desejos do homem. Assim sendo, as mulheres que escapam a esse modelo heterossexual são vistas como desviantes passíveis inclusive de correção ou reversão sexual.

Dessa maneira, as lésbicas são vistas como:

[...] abjeto que se produz, tendo o discurso da diferença como designação negativa para não seguir o padrão, traduzida, muitas vezes, em substantivos como “imoralidade”, “anormalidade”, “desvio”, “doença”, “aberração”, “pecado”, ou em várias formas de invisibilização”. (SOARES; COSTA, 2002, p. 3)

Conforme Butler (2000, p. 153) “abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social”, em outras palavras, são

aquelas e aqueles que não são vistas(os) como sujeitas(os). Cabe pontuar que a posição abjeta não está ligada apenas às sexualidades e aos gêneros, ela diz de todas as posições de sujeitas(os) que são consideradas socialmente inúteis, indevidas e indignas de serem vividas. Assim, ser abjeto é ocupar os interstícios sociais na posição de um não-sujeito.

Na contemporaneidade as sociedades trazem marcadores que dão sinais das mudanças para as mulheres que conseguiram romper, aos poucos, os diversos estigmas criados por uma sociedade machista que as consideram como seres secundários e submissos. Temos lidado com conquistas como a participação das mulheres nos cenários políticos, os novos arranjos de famílias, casais de lésbicas, o empoderamento das/os negras/os entre outros.

Nesse sentido, a busca pela satisfação e prazer sexual também é uma conquista e, nessa perspectiva, as mulheres, no decorrer da história, têm assumido suas sexualidades, desejos e orientações sexuais. Contudo, esse processo emancipatório é perpassado por conflitos socioculturais, familiares e religiosos que atravessam as suas experiências.

Acerca da trama de violências contra as mulheres, Daniella Tebar Avena ressalta que “as mulheres heterossexuais dispõem de delegacias das mulheres e da proteção da hetero-normalidade para se amparar. Já no caso das lésbicas, a situação se complica ainda: a violência do preconceito contra a homossexualidade” (AVENA, 2010, p. 99).

Não obstante a lésbica seja uma categoria vilipendiada de mulher, essas sujeitas são cotidianamente humilhadas, menosprezadas e ofendidas, por meio de palavras, gestos ou ações advindas de diferentes grupos e instituições sociais, incluindo a igreja e própria família.

Diante dessas inquietações, neste trabalho discutiu-se os efeitos dos discursos religiosos judaico-cristãos na construção identitária de um grupo de lésbicas que aceitaram participar deste estudo por meio de três encontros de grupo focal.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa está pautada na perspectiva pós-estruturalista, que, dentre outras coisas, possibilita trabalhar com os regimes de verdade que nos constituem. Uma dessas verdades que são construídas em nossa sociedade é o discurso religioso que produz a lesbianidade em um determinado lugar, geralmente o do pecado e da abjeção.

Com o intuito de conhecer as histórias de um grupo de lésbicas, percorri espaços periféricos e marginalizados, recorrendo a Dagmar E. Estermann Meyer e Rosângela de Fátima Soares para construir minha posição investigativa na busca de conhecer mundos e realidades que me aproximam e me distanciam das lésbicas como autoras da própria história. Nesse processo investigativo intenciono compreender e apreender com as lésbicas, seus interesses e dificuldades, os pontos de encontros e desencontros a partir de uma perspectiva que entende o campo investigativo como algo não finalizado e, assim, inacabado. Meyer e Soares afirmam que:

Nossas interrogações e as pesquisas que elas instituem nos desafiam, do mesmo modo, a embarcar em viagens que podem nos colocar em contato com mundos e realidade que podem ser, ao mesmo tempo, diferentes e próximas das nossas e, outras vezes, borrar, completamente, aquilo que aprendemos, até então, a conhecer, pensar, dizer e viver. (MEYER; SOARES, 2005, p. 31)

Tomando Guacira Lopes Louro (2007) em *Conhecer, pesquisar, escrever*, identifiquei como pontos metodológicos que estou adotando para pensar a minha pesquisa: assumir uma postura política e teórica de (des)construção de conceitos; contestar os rótulos; questionar o aprisionamento e a fixidez das normas de gênero e sexualidade e desenvolver uma linguagem que não exclui e tão pouco engessa o pensamento, capaz de provocar indagações sobre as verdades absolutas e universalistas.

Diante do explícito, o pós-estruturalismo nos convida a pensar e operar com o local e o particular, ou seja, pensar no provisório e contraditório, no indeterminado e complexo, capaz de problematizar o naturalizado e o aceito socialmente.

Para a construção do material empírico foi feito um grupo focal com aquelas que aceitaram participar do trabalho. Conforme Adriane Roso (1997), o

Grupo Focal surgiu na década de 1950, quando Robert Merton foi convidado por Paul Lazarsfeld para ajudá-lo a avaliar respostas da audiência de um programa de rádio. Merton observou que era difícil para as pessoas expressarem sua opinião sobre filmes e programas em entrevistas individuais. Posteriormente, Merton utilizou a técnica de Grupos Focais (originalmente chamada de entrevista focalizada em grupo) no Exército, com o intuito de avaliar o treinamento e filmes morais. Esse trabalho resultou na publicação de um livro sobre a técnica – Focus Group – que acabou tendo seus procedimentos modificados pela incorporação de backgrounds (origens) teóricos sobre grupos (ROSO, 1997).

Rosaline Barbour descreve o Grupo Focal como “um intrigante termo híbrido” e sendo “um exercício que visa entrevistar um grupo, que é visto como detendo uma visão consensual” (BARBOUR, 2009, p. 21), com participação interativa das participantes. Em minha pesquisa, não arrisco a dizer que as lésbicas apresentam uma visão consensual, pois o dissenso também está presente entre as lésbicas, até porque elas não são um grupo homogêneo, embora todas se reconheçam enquanto lésbicas.

Dessa maneira, apostamos na potencialidade do grupo focal como espaço de troca de experiências das participantes por meio da identificação entre si e também das diferenças de suas vivências. O grupo focal teve três encontros.

Para entrar em contato com as lésbicas buscamos vários caminhos. Um deles foi a parceria da ONG LBTSOL, entidade que tem como objetivo a luta pelos direitos dessa comunidade, sensibilizando a população jequiense para a necessidade de respeito à diversidade de gênero e sexual, buscando reduzir os casos de agressões às pessoas LGBT. Assim, a ONG LBTSOL nos indicou algumas pessoas.

O meu orientador também me indicou algumas lésbicas e, especialmente, uma aluna que teria sido sua orientanda na universidade e por meio desta, conheci mais duas ativistas que nos passaram alguns contatos telefônicos. Adentrando mais as redes sociais e com esses primeiros contatos, encontrei muitas sujeitas que perceberam a importância desse estudo, principalmente por terem a oportunidade de debaterem temas que as aproximam e as diferenciam. Ao tempo que ia dialogando com algumas lésbicas, elas foram me informando outras que, talvez, poderiam participar da investigação.

A escolha das participantes foi feita considerando alguns critérios: mulher que se autoatribuíssem lésbicas, idade mínima de 18 anos e interesse em participar da pesquisa. Ao todo fiz contato com quatorze pessoas, porém, dois se identificaram como 'homens trans'³, uma 'pansexual'⁴ e outra 'bissexual'⁵.

Ao final dos convites, tínhamos formado um grupo de dez lésbicas com o perfil desejado. Das dez, duas lésbicas nunca compareceram ao Grupo Focal, embora confirmassem presença a cada encontro. Interpeladas sobre os motivos de não participarem das discussões, ambas não justificaram suas ausências. Assim, finalizamos a pesquisa com a participação de oito lésbicas no Grupo Focal.

A análise se pautou na perspectiva foucaultiana, buscando entender e compreender os discursos religiosos judaico-cristãos que produziam efeitos nas lésbicas partícipes do trabalho. Sobre a identificação das participantes, cinco lésbicas pediram para que o nome permanecesse no texto e as outras três preferiram substituir por um pseudônimo que acharam mais pertinente.

3. “MEU DEUS, O QUE QUE EU FIZ? PORQUE ISSO TÁ ACONTECENDO? DISCURSOS RELIGIOSOS JUDAICO-CRISTÃOS E SEUS EFEITOS NA PRODUÇÃO DO SER LÉSBICA

Das oito lésbicas que participaram do trabalho, seis nasceram em Jequié, uma em Ubatã e uma em Itagi, cidades do interior baiano. Quanto às questões étnicas e raciais, duas se declararam brancas, três pretas e três pardas. A idade delas varia entre 21 a 30 anos. Sobre a religião, três se declararam católicas, uma espírita, uma evangélica, uma agnóstica e duas não têm religião. Existem no grupo dois casais: Maslouva e Marcela; Sandra e Daniela. As demais se declararam estarem solteiras no momento da pesquisa.

Ao analisar os grupos focais realizados, uma instância de regulação que apareceu foi a religião, assim, entendemos que o discurso religioso afeta a construção identitária das lésbicas pesquisadas e, portanto, de suas

³ Homem transexual, homem 'trans' ou ainda transexual é a pessoa 'trans' que foi designada como mulher ao nascer, mas que se identifica como homem.

⁴ Os pansexuais não limitam o seu desejo apenas ao gênero masculino ou feminino, mas são interessados em todos os diferentes tipos de sexualidades.

⁵ Os bissexuais são pessoas que sentem atração por homens e mulheres.

subjetividades. No primeiro encontro do Grupo Focal com o tema Identidade Lésbica percebemos que as interlocutoras problematizaram suas percepções identitárias por meio de elementos construtores étnicos religiosos, que compõem a cultura a que pertencem.

Neste caso, o discurso religioso judaico-cristão foi preponderante em alguns dos enunciados ensinando as lésbicas em como viver suas vidas. É sabido que a religião ocidental judaico-cristão produziu a homossexualidade como algo não divino, portanto, antinatural para aquelas(es) que tinham relações sexuais com o mesmo sexo.

Trarei agora um trecho⁶ do grupo focal no qual o discurso religioso opera na produção das lésbicas e em seus modos de viver a sua sexualidade. Esse trecho é longo porque nossa intenção é apresentar também como as interlocutoras vão construindo os enunciados sobre a regulação da instituição religiosa em suas vidas.

MASLOUVA: Marcela tem base religiosa, porque Marcela é crente (Cristã), não segue nenhuma igreja, mas quando quer frequentar, frequenta a evangélica, vai comigo, de vez em quando, na católica, porque a gente reveza um domingo na católica, um domingo na evangélica. A gente faz esse mistozinho dentro de casa. Mas ela tem o apego. Ela dá o dízimo dela todo mês. Ela tem totalmente fé, e tudo o que acontece na vida dela, ela agradece. Quando acontece alguma coisa ruim, ela volta, ora, pede, e sabe que tudo tem seu tempo certo pra acontecer. **E Marcela hoje é muito mais apegada a esse sentimento do que eu que nasci, vivi, morei a vida inteira ali. E ela acha que isso é coisa do demônio. Mainha acha que isso é coisa do demônio “Na bíblia fala que o homem é pra mulher, e a mulher foi feita do homem”. Eu fico tentando entender o porquê, direto eu pergunto isso pra Marcela, quando eu tô muito chateada eu pergunto pra Marcela “Porque que a religião, o protestantismo, catolicismo, porque elas têm esse poder, essa coisa tão forte, tão enraizada nas pessoas, que conseguem cegar as pessoas?”**, e eu não tô falando de Deus não. Porque Deus, ele é único, absoluto, ele é amor acima de qualquer coisa. Eu tou falando da religião, daquela bíblia, daquilo que prega. **As pessoas leem uma coisa na Bíblia e interpretam de forma totalmente diferente. Não tem nada a ver isso, velho, que você tá lendo aqui. Não é assim que as coisas funcionam, mas tem aquele poder enraizado, aquela coisa encruada que fazem cegar, faz machucar, gente. É muito doloroso, eu já cansei de chorar. Nossa! Perdi as contas de quantas vezes...**

⁶ 1º Grupo Focal realizado no dia 06 de outubro de 2018, grifos nossos.

MARCELA: A gente já tá tão acostumada com isso que quando a gente se identifica que a gente é lésbica, a gente pensa: “O que eu tenho de errado? O que eu fiz de errado?”. Mas no período que eu comecei a ler e começar a entender, muitas vezes... o que tá na bíblia não é o que o povo fala dela. **A gente vê que todo mundo tem os seus erros, ou todo mundo tem os seus apegos.** Davi era apegado às mulheres dele, por exemplo. **Então se a gente souber interpretar, a gente vai perceber que cada um tem seus apegos, então não adianta o católico ou protestante virar pra mim e falar “Você tá errada”.** Nossa, eu tô errada, beleza. Mas se a gente for seguir os mandamentos, lá também tá “Não adulterarás”, e tu adultera. “Não fornicarás”, e tu fornicar. Entendeu? “Não roubarás”, “Não desejarás a mulher do outro”, tá tudo lá. **Então a gente só lê o que é conveniente pra gente.** E é isso que às vezes, quando o religioso, ele vem debater comigo, eu falo “olha, eu não sou leigo, mas eu não vou discutir com você, que é leigo. Volta lá, lê de novo e depois a gente conversa”, porque você acaba perdendo tempo com essas pessoas. **Eu costumo dizer, sempre, “As pessoas perdem o foco de Jesus, pra hoje trazer de volta o egocentrismo”. Hoje ninguém tem mais... é... o cristianismo, hoje, é o egocentrismo – “É assim, tem que ser do meu jeito. Se não for do meu jeito tu não tá aceito. A igreja católica te condena. A igreja evangélica te condena, Tu não segue os padrões, é dessa forma, se tu não é assim, problema é seu, agora, a gente vai te julgar, a gente vai te apontar”, é assim que funciona.**

SAKURA: Não. Tipo assim. Desde que eu tinha 7 anos de idade, meu pai e meus irmãos iam pra igreja evangélica. Aí ele ficou indo até uns 10 anos, quando ele se separou de minha mãe, só que minha irmã continuou indo, só que pra outra igreja. **Aí durante minha adolescência, às vezes eu ia, mas nunca fui, nunca me considere evangélica. Só depois de... em 2012 que eu fui e, de fato, até me batizei, e aí foi depois de uma decepção terrível na minha vida. Passei 2 anos, de 2012 a 2014. Aí eu vi que não era pra mim, porque eu não conseguia seguir aquilo.** Então eu falei “Não é pra mim, não vou mais”, mas é como vocês disseram, tenho esse lado espiritualizado, sabe, embora eu não seja religiosa. **Mas quanto a isso, nunca me condenei por achar que é certo e não é certo, nada disso, e minha mãe até hoje fica falando né, que eu não vou pra igreja.** Ela tem isso. Ela também não é evangélica, mas ela vai de vez em quando...

RAFA: ...Bom, eu também cresci no meio católico, minha família participa de vários grupos da igreja católica, no JUEC⁷, então também vim de lá, também, daquela base. E quando eu comecei a ter os primeiros, que a gente sente diferente, vamos dizer assim, a gente vai se questionando. **Aí o padre vai falando**

⁷ Sigla de um grupo da Igreja Católica, intitulado Juventude Unida em Cristo.

certas coisas, e a gente vai se questionando “O que que tá acontecendo comigo? Por que isso tá acontecendo?” E a gente vai tendo aqueles questionamentos. E é isso. Eu vim dessa base, meus pais, minha mãe, meu avô também é muito católico, e aí tem esses questionamentos...

MASLOUVA: (Inaudível) diferente de Marcela, eu sou muito emoção. Eu me deixo abater demais, às vezes, por coisas assim, que exteriormente podem ser pequenas, mas naquele momento pra mim foi algo que me deixei me abater muito, eu fico muito pra baixo. Eu sou muito emoção. Já Marcela não. Ela consegue, tipo assim, ela sente, claro que sente, too mundo sente, é do ser humano, mas ela consegue, de forma objetiva, se sair daquilo. Eu não. Eu fico... Nossa, mãe do céu! **Aí eu volto e falo “meu Deus, o que que eu fiz? Porque isso tá acontecendo? Será que isso é um erro de verdade? Será que é tão errado, é tão ruim, é tão feio ser dessa forma?** (Voz ao fundo – Meu Deus, tira isso da minha cabeça... essas coisas que a gente fica tentando seguir aquelas palavras que eles falam, aquela leitura do catolicismo, e a gente fica se questionando).

Maslouva é quem, inicialmente, traz o quanto a religião interfere na construção identitária delas, apontando que para a sua religião católica e também para a evangélica, religião de sua namorada Marcela, a lesbianidade é tida como prática demoníaca e não divina. A lesbianidade é entendida dessa forma, pois, a bíblia desaprova a relação entre duas mulheres ou dois homens. Como dito por Maslouva: “Na bíblia fala que o homem é pra mulher, e a mulher foi feita do homem”, sendo assim, não pode haver um relacionamento entre mulheres ou entre homens. Apesar de trazer essa citação da bíblia, Maslouva não concorda com a forma como as igrejas utilizam dos escritos bíblicos, interpretando segundo os seus interesses e, mais do que isso, segundo ela, essa forma de olhar para os ensinamentos religiosos restringe o pensamento das pessoas, impossibilitando-as enxergar para além disso. Ela reforça que não está questionando Deus em si, mas as pessoas que disseminam essas religiosidades.

Marcela reitera o que Maslouva disse e acrescenta que as(os) adeptas(os) dessas religiões judaico-cristãs leem a bíblia conforme a conveniência para elas(es) tirando o foco de Jesus, julgando as outras pessoas e, de alguma forma, condenando-as. Além disso, ela relata que todas as pessoas têm seus erros ou apegos, como o adultério, o roubo, a fornicção, e que, por

isso, não deveriam julgar as outras pessoas, como ela que é lésbica. De alguma forma, ao fazer isso, Marcela configura a lesbianidade como um apego ou um erro.

De outro modo, Marcela diz que ela e Maslouva se autoquestionam sobre o que apresentariam de negativo ou o que fizeram erroneamente, perguntas essas também feitas por Rafa para si mesma. Questões como: “o que está acontecendo ou por que isso está acontecendo” ainda as perseguem.

Há um discurso religioso de autoculpabilização gerado pelo sentimento de autopunição como se a identidade lésbica fosse um castigo ou mau por terem cometido algum erro. Nesse enunciado a lesbianidade seria entendida como uma imperfeição, algo indesejável, sem beleza e que atinge aquelas que não praticaram o que as igrejas entendem como correto, assim ser lésbica passa a ser visto como um castigo.

Entendemos que o discurso religioso é operante e potente, logo, captura algumas participantes e, de alguma forma, regula a vivência da lesbianidade causando várias inquietações. Uma delas é que na família se questionam a identidade das pesquisadas com base nesses argumentos, ou seja, nos discursos religiosos que entendem a lesbianidade como pecado, passível de ser corrigido.

Para sustentar analiticamente nossas percepções discursivas, recorreremos ao antropólogo Marcelo Tavares Natividade, um dos estudiosos do assunto, ao afirmar que “o tema da exclusão da diversidade sexual pelas religiões despontou, por meio de uma crítica à homofobia supostamente presente na tradição cristã e à consequente vinculação de tal prática sexual ao tema do pecado, da “abominação”, da antinatureza” (NATIVIDADE, 2010, p. 92).

De alguma maneira, Marcela, Maslouva e Rafa ainda não se desvencilharam desse discurso, já que, muitas vezes, o constroem para elas mesmas. Talvez, a ideia de transgressoras da lei divina ainda persista em seus pensamentos. Esse discurso religioso que torna a lesbianidade como demoníaca ou como erro causa dor e sofrimento emocional e psicológico conforme apresenta Maslouva que, ademais, não tem ideia de quanto já chorou por conta disso.

Preconizando o discurso eclesiástico, o professor em Ciências Religiosas, o argentino professor Dr. Lucas Edgardo Leal (2017), em um trabalho científico intitulado *Identidad sexual y pertenencia eclesial. Derroteros de visibilidad en trayectorias de gays católicos*, retrata que os avanços conquistados pela Argentina como reconhecimento de vanguarda legislativa da Lei de Educação Sexual Integral em 2006, a Lei de Matrimônio Igualitário em 2010 e a Lei de Identidade de Gênero em 2012 não foram suficientes para que a Igreja Católica valorizasse e reconhecesse a comunidade LGBTTI+, utilizando-se ainda de discursos que persistem em estigmatizar a diversidade de gênero e sexual.

Para o autor, a religião judaico-cristã ainda tem favorecido e sustentado o patriarcalismo e a ordem regulatória heteronormativa. Em suas palavras:

El más habitual supone una relación antagónica entre la religión y la diversidad sexual. La religión, desde esta perspectiva, tiende a ser considerada como un factor principal en el sostenimiento y legitimación del patriarcado y la heteronormatividad como sistemas de dominación (LEAL, 2017, p. 264).

Tal assertiva nos leva a ponderar de que o discurso religioso construído na Argentina é semelhante ao produzido no Brasil. Inclusive, há um paradoxo, uma contradição quando a comunidade LGBTTI+ vivencia uma crença (assumindo-se cristãs/cristãos) que nega a sua existência. Para superar esse conflito, muitas(os) sujeitas(os) fazem uma (re)interpretação destes discursos com o pensamento de que ‘Deus é amor’, ainda que as(os) mantenha em espaços discriminados das igrejas sem uma rede de apoio eclesial.

No caso de nossa pesquisa, o discurso religioso judaico-cristão afeta a construção identitária de algumas lésbicas participantes no sentido de gerar uma inconformidade em torno da sua identidade, visto que não foi algo escolhido, se configurando como um espaço de muitos desconfortos.

Ao tempo que gera tensões de autorejeição e conflitos por não recusarem a própria religiosidade. Todavia, questionam alguns dogmas dessa religiosidade, como exemplo aquele que entende a lesbianidade como abominação demoníaca e, portanto, prática do pecado.

Conforme o discurso religioso judaico-cristão, a norma é a forma de proibir as vivências amorosas e sexuais dessas sujeitas. Mesmo quando há certa

aceitação dessas lesbianidades, elas são pensadas a partir de um modelo heteronormativo “moldado por uma complexa malha de regulações que abarcam distintos saberes e poderes, incluindo o religioso” (NATIVIDADE, 2010, p. 91).

Contudo, na contramão do discurso religioso trazido por Maslouva, Marcela e Rafa, Sakura rompe com o controle desse discurso e escapa da regulação das práticas religiosas judaico-cristãs em favor de sua autoatribuição lésbica. Embora ela tenha experienciado a igreja evangélica, ela já não se vê como tal e reitera que nunca se condenou por acreditar que ser lésbica poderia ou não ser correto.

Neste contexto, recorreremos ao filósofo francês Jacques Derrida em sua obra *Salvo o Nome*, como uma proposta de desconstrução do impossível ao humano, numa linguagem teológica negativa. Trata-se de uma crítica a uma religião institucional, pois é uma representação política.

Para Derrida, a desconstrução da religião se apresenta numa atitude não teísta⁸, com um pensamento que procede de uma teologia radical ao querer afirmar o desejo de Deus, “simulando saber que é um discurso de teologia negativa, com seus traços determinados e sua inclinação própria” (DERRIDA, 1995, p. 11), com efeito de uma visão sociopolítica, institucional ou até mesmo eclesial.

Desta forma, podemos dizer que Sakura rompeu com as religiões judaico-cristãs por estas vincularem-se aos conceitos e práticas heteronormativas. Assim, como a heteronormatividade, nesses termos, os dogmas religiosos ferem a integridade humana de liberdade para vivenciar sua lesbianidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os apontamentos, destacamos neste texto o quanto o discurso religioso judaico-cristão, entendido como um marcador étnico da branquitude e heteronormativo, afeta a construção identitária das lésbicas partícipes da pesquisa, inclusive algumas delas evidenciam a lesbofobia intrafamiliar advinda desse discurso e se autoculpabilizam por conta de sua sexualidade, embora

⁸ O teísmo compreende a crença em um Deus criador considerado onipotente e onisciente (LUCA-NORONHA; SANT'ANNA, 2018, p. 504).

questionem alguns dos discursos dessas religiões sobre a lesbianidade. Outras são menos afetadas e resistem ao discurso de ódio proferido por essas religiões judaico-cristãs.

REFERÊNCIAS

AVENA, Daniella Tebar. A violência doméstica nas relações lésbicas: realidades e mitos. Aurora. **Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, n. 7, p. 99-107. DOI 10.23925/1982-6672, 2010.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed. 2009.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo; In: LOURO, G. L.(org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-165.

DERRIDA, Jacques. **Salvo o nome**. Tradução Nícia Adan Bonatti. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da C. Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

LEAL, Lucas Edgar. Identidad sexual y pertenencia eclesial. Derroteros de visibilidad en trayectorias de gays católicos. **Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana**, n. 26, p. 262-278, ago. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, sociedade & Cultura**, nº 25, p. 235-245, 2007.

LUCA-NORONHA; Daniel; SANT'ANNA, José Carlos. Crença teísta: reflexividade e aderência. **Interações**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 503-525, ago./dez. 2018.

MEYER, Dagmar E. Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (orgs.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. DP&A editora. Rio de Janeiro, p. 23-44, 2005.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autentica/UFOP, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle, a partir do original: RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Bagoas**, n. 5, p. 17-44, 2010.

ROSO, Adriane. Grupos focais em Psicologia Social: da teoria à prática. **Psico**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 155-169, 1997.

SOARES, Gilberta Santos; COSTA, Jussara Carneiro. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios? **Labrys: Estudos Feministas**, v. 1, n. 2, jul./dez. 2002.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona: Egales, 2010.